
Jefferson Saady Maciel Júnior
O OLHAR JAMINAWA ACERCA DA BEBIDA ALCOÓLICA

Resumo

Este trabalho tem por finalidade apresentar discursos orais Jaminawa, acerca da inserção do álcool entre eles, que revela como os processos de contato interétnico tornaram o uso de bebida alcoólica tão presente entre as pessoas dessa etnia a partir da exploração do caucho e borracha na Amazônia no final do século XIX e início do século XX, 1870-1920.

A ocupação e o povoamento da Amazônia resultam de um longo processo histórico que se iniciou com a colonização e foi marcado por inúmeros conflitos entre os povos indígenas e os exploradores. Muitos indígenas foram submetidos a extração de caucho e seringa e o pagamento pelo trabalho forçado, era feito com facões e álcool de forma estratégica para que houvesse desestruturação das sociedades que já existiam na região. Os processos de genocídio e exclusão entre os Jaminawa são oriundos em grande parte dessa mesma estratégia, por ser um povo seminômade a produção de suas próprias bebidas fica condicionada à compra de bebida alcoólica, por todo um conjunto de facilidades na aquisição da mesma quando estão na cidade.

O uso de bebida alcoólica destilada por parte dos indígenas, em especial os Jaminawa, revela o quanto as identidades e as culturas podem ser marcadas, ou digamos, caracterizadas com conceitos e ideias elaboradas a partir de uma visão simplista e preconceituosa acerca do uso da bebida dita “do branco”. O mergulho nos discursos orais Jaminawa sobre o consumo de bebida alcoólica faz-se então necessário para que possamos nos aprofundar na questão. Buscando uma compreensão maior de todo o processo histórico Jaminawa, também irá nos auxiliar os trabalhos escritos sobre este povo por Oscar Calavia Sáez (2006) e Eliana Ferreira de Castela (2011).

Palavras chave: *discursos orais Jaminawa; consumo de bebida alcoólica; exclusão.*

LA VISIÓN JAMINAWA SOBRE LA BEBIDA ALCOHÓLICA

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo presentar los discursos orales jaminawa sobre la inserción de alcohol entre ellos, lo que pone de manifiesto cómo los procesos de contacto interétnico han llevado al uso de alcohol entre las personas de este grupo étnico a partir de la explotación del caucho en el Amazonas, a finales del siglo XIX y comienzos del XX, 1870-1920.

La ocupación y poblamiento de la Amazonia son el resultado de un largo proceso histórico que comenzó con la colonización y estuvo marcado por numerosos conflictos entre los pueblos indígenas y exploradores. Muchos indios fueron sometidos a la extracción de caucho y siringa, y el pago por el trabajo forzoso se llevó a cabo con machetes y alcohol de manera estratégica para que hubiera desintegración de las sociedades que existían en la región. Los procesos de genocidio

Estudante do Curso de Bacharelado em História da Universidade Federal do Acre, membro do grupo de pesquisas e estudos PET – Comunidades Indígenas – UFAC e membro discente do Conselho Universitário da Universidade Federal do Acre – UFAC.

y exclusión entre jaminawa vienen en gran parte de esta estrategia, pues a pesar de ser un pueblo semi-nómada que produce sus propias bebidas, están condicionados a la compra de alcohol dada una gama de facilidades para adquirirlo cuando están en ciudad.

El uso de la bebida alcohólica destilada por los indios, especialmente los jaminawa, revela cómo las identidades y las culturas pueden ser marcadas o caracterizadas con conceptos e ideas extraídas de una visión simplista y prejuiciosa sobre el uso de la bebida llamada “del blanco”. El análisis de los discursos orales jaminawa sobre el consumo de alcohol es entonces necesario para profundizar en el tema. Buscando una mejor comprensión de todo el proceso histórico jaminawa, también nos ayudarán los trabajos escritos sobre este pueblo por Oscar Calavia Sáez (2006) y Eliana Ferreira de Castela (2011).

Palabras clave: *discursos orales jaminawa; consumo de alcohol; exclusión.*

Introdução

A bebida alcoólica é um elemento cultural presente nas maiorias dos povos e civilizações desde os mais remotos tempos, no entanto, existe uma pequena diferença entre bebida alcoólica destilada e bebida alcoólica fermentada¹. Entre os povos indígenas, por exemplo, podemos observar tanto a produção de suas bebidas a partir de um processo conhecido como fermentação, quanto à aquisição na cidade da bebida produzida a partir de processo conhecido como destilação (sendo usado também o processo de fermentação em alguns casos).

Os povos indígenas no Brasil produzem uma grande variedade de bebidas alcoólicas fermentadas a partir de frutos, tubérculos, raízes, folhas e sementes; tal produção de bebidas sejam elas a *caicuma* ou *mama*, são elementos culturais fundamentais na cosmologia desses diversos povos. Em grande parte as bebidas são consumidas em cerimônias e rituais de forma coletiva. No entanto, existe uma grande diversidade de atitudes diante das bebidas alcoólicas, que vão desde efeitos entorpecentes a alucinógenos.

Se, para alguns, indígenas ou não, as bebidas alcoólicas destiladas fazem parte do dia a dia e das principais comemorações — além de constituírem importante fonte de renda e de impostos — para outros, notadamente as civilizações que seguem a religião islâmica, as bebidas alcoólicas são estritamente proibidas.

No presente trabalho teremos diferentes discursos Jaminawa² acerca da bebida alcoólica destilada³, para isso iremos analisar os discursos Jaminawa,

no qual o objetivo é pôr em evidência as diferentes questões e respostas de determinada situação ou fato, envolvendo o uso da bebida. Para tais análises, a oralidade Jaminawa torna-se fundamental, os diferentes discursos irão ajudar a compor um quadro explicativo referente à inserção da bebida alcoólica destilada entre os mesmos, tendo como pontos principais os seus usos, espaços, o próprio sujeito Jaminawa e por consequência o que a bebida representa para eles.

Gente do machado

O etnônimo Yaminawa é usado para designar em primeira acepção uma coletividade étnica do tronco linguístico Pano, presente nas Terras Indígenas Cabeceiras do Rio Acre, Mamoadate, Guajará, Rio Caeté e Kayapucá em Boca do Acre – AM, bem como uma coletividade de grupos existente nos municípios de Sena Madureira, Assis Brasil, Brasiléia e Rio Branco no Estado do Acre – Brasil. Na região do baixo Ucayali e cabeceiras do rio Juruá (Perú) faz-se presente também uma coletividade desse mesmo grupo, bem como em Bolpebra na Bolívia (Castela 2011: 6).

Digo em “primeira acepção”, pois, segundo o pesquisador Oscar Calavia Sáez (2006), o termo Yaminawa é o nome dado pela Funai “àquelas comunidades que até então não usavam um nome comum, mas uma pluralidade de etnônimos”, como por exemplo: Sapanawa, Kaxinawá⁴ e outros [...]” (Calavia Sáez 2006: 29).

O senhor José Correia da Silva Tunumã nos fornece um breve relato referente ao nome do povo a qual pertence:

Sobre o nosso povo, posso afirmar que a gente não tinha esse nome Jaminawa nem conhecia um povo que tinha esse nome. Com a chegada da Funai, em 1975, havia um desconhecimento da realidade dos índios que viviam aqui no estado. Como o órgão indigenista não sabia que povo nós pertencia, deu esse nome de Jaminawa. Antes chamavam a gente de Marinawa, Sharanawa e outros tipos de nomes. No tempo dos seringais, os “cariús”, os brancos, chamavam a gente de “caboclos”, como faziam com qualquer outro povo indígena no Acre. (Tunumã 2006: 22)

Na grafia brasileira o termo é escrito “Jaminawa”, “Yaminahua” no Peru e Bolívia, Yaminawa é a grafia criada por Sáez, por achar que possivelmente

haveria confusão por parte de um leitor leigo em bibliografia Pano. Para todos os fins, Jaminawa, Yaminahua e Yaminawa não designam um grupo étnico único, e sim uma coletividade de grupos étnico-lingüísticos Pano (Townsley 1988: 176 *apud* Calavia Sáez 2006: 29).

O significado mais usado para o etnônimo Jaminawa é “gente do machado”, por terem obtido essa ferramenta nos “acampamentos civilizados por troca, trabalho ou rapina [...] Foi durante mais de um século o eixo de suas relações com o branco fazendo que, apesar de experiências amargas, não se isolassem definitivamente deste e o procurassem ciclicamente para renovar seu estoque de ferramentas” (Calavia Sáez 2006: 267).

Vários sujeitos, várias histórias

É no médio Ucayali que estavam os quatro grupos étnicos formadores do povo Jaminawa, são eles: Sapanawa (gente da arara) ou Xixinawá (gente do quati), Kaxinawá (gente do morcego), Shawanawá (gente povo bom) e Yawanawá (gente do queixada). José Correia da Silva Tunumã levanta um detalhe, os Kaxinawá aqui citados não podem ser confundidos com o povo Kaxinawá ou Huni Kuin do Jordão, a mesma ressalva se faz aos Yawanawá que não devem ser interpretados com os Yawanawá do rio Gregório. Esses quatro grupos costumavam entrar em conflitos e guerrear entre si, bem como com outros grupos da região (Calavia Sáez 2006: 268).

A partir da década de 1870 o homem branco, claramente os caucheiros peruanos, forçaram os diversos grupos que viviam na região do Ucayali a formarem um só grupo com a denominação de Jaminawa posteriormente pela Funai em 1975, assim, dificultando ou mesmo em alguns momentos tornando impossível a convivência, pois as diferenças entre esses grupos eram grandes, deixando uma característica marcante que é a divergência interna do povo Jaminawa. Com a circulação de ferramentas de metal, as redes interétnicas de intercambio e a provável disseminação de vírus como o da varíola, provocando epidemias, levaram à morte inúmeras pessoas e até mesmo povos (Calavia Sáez 2006: 231).

Com toda essa pressão o povo Jaminawa foi empurrado para o Juruá, alguns se engajando nas atividades de cauchero e outros fugindo do contato, onde mais tarde realizaram uma enorme migração para o Moa (não o conhecido

afluente do Juruá, mas outro menor, afluente do rio Iaco) e outro entre os rios Iaco, Purus e Tahuamanu. Lá exerceram a função de caçadores para o comércio de pele de animais silvestres nos seringais que surgiam no fim do século XIX, serviram de mateiros para a abertura de estradas e varadouros para a exploração e escoamento de caucho e borracha, além da função de extratores desses produtos, e ainda, serviram nos grandes roçados daqueles que se julgavam seus patrões⁵ (Calavia Sáez 2006: 168).

José Correia da Silva Tunumã conta que as famílias Jaminawa que eram recrutadas para servirem nos seringais, sofriam grandes separações entre seus membros e mudavam constantemente de uma colocação para outra, por ordem do patrão ou por divergência familiar (Tunumã 2006: 23). Essa perambulação deixa claro uma característica marcante desse povo, que é o “seminomadismo”, revelado nas frequentes mudanças, e as dispersões de famílias, quase sempre motivadas pelas divergências internas (Castela 2011: 4-7).

O povo Jaminawa vinha passando por um estado de crise desde 1990 (Calavia Sáez 2006: 17). Um fator complexo de difícil explicação até mesmo para os próprios Jaminawa, resultando na vinda de famílias inteiras para as periferias das cidades, principalmente para Rio Branco. A realidade da cidade logo se apresenta como uma competição diária para garantir a sobrevivência, fazendo com que passem a viver um tempo diferente e difícil.

Hoje, as realidades Jaminawa rumam em direção a uma reestruturação social, política e cultural, processo desencadeado pela necessidade de fazer uma reflexão sobre sua situação, envolvendo aí suas terras, aldeias, casarios, e membros, dessa instigante coletividade que envolve uma suposta entropia.

A “porção mágica” do homem branco

O anterior pequeno ensaio descritivo acerca da etno-história Jaminawa, curto e desviado de foco, não é desnecessário, pois se torna de fundamental importância para voltarmos ao real aspecto da vida Jaminawa aqui pretendido trabalhar: a presença de bebidas alcoólicas destiladas do homem branco.

O povo Jaminawa tem em seu cotidiano forte presença da bebida alcoólica dita do “homem branco”, aspecto esse, ligado aos seus usos e modos de ser em quanto povo dito e tido como seminômade, por estar constantemente nas

cidades, a bebida alcoólica destilada torna-se elemento de constante apreciação.

Não existe entre os Yaminawa um “cenário social” que possa ser regularmente observado: não só os rituais praticamente inexistem, mas também a própria interação entre os Yaminawa é rala e difícil de observar no dia a dia, fora de um círculo familiar muito estreito. (Calavia Sáez 2006: 18)

Os Jaminawa, pensados sempre como índios do “centro” da selva — fator esse ligado a região de origem do grupo — são também com frequência índios das margens da cidade, vejamos o seguinte trecho: “O jovem indígena mais ele quer estar na cidade, onde eles se envolvem muito na bebida. Todos os jovens e adultos. Quando se encontram aqui na cidade não têm diferença nenhuma, a gente é do Iaco” (Entrevista com senhor A. A. Jaminawa em 14/01/2012).

Segundo A. A. Jaminawa, os indígenas do Rio Iaco passam mais tempo na aldeia, assim podem ter tempo para o cultivo do roçado e conseguintemente produzir a *caicuma*, já os Jaminawa do Rio Acre, vivem em constantes viagens para as cidades. Sáez fala que ao julgar pelos informes de alguns jovens que têm feito recentemente vistos à aldeia do Iaco, lá continuam sendo realizados rituais “tradicionais” (Calavia Sáez 2006: 122). É importante ressaltar que, há contar da época que Sáez realizou seu estudo, já se passaram mais de seis anos, ao longo desse tempo, levando em consideração as palavras de Valdo, os jovens agora, mais querem estar na cidade, pelo seu atrativo de um “parque de diversões”. Na realização da entrevista com Valdo, ele e sua família estavam na cidade de Assis Brasil, e o mesmo disse que na manhã daquele mesmo dia tinha tomado alguns “goles” de álcool destilado para jogar baralho e curtir com os amigos.

Na etnografia que Sáez fez dos Jaminawa do Rio Acre, ele pôde participar de duas festas denominadas por ele de “Festa Escandinava”, na qual se dava boas vindas a Júlio Isodawa que chegava recentemente da Noruega e “Forró Contido” que comemorava a posse de um novo líder dos Jaminawa, o próprio Júlio. Ambas as festas eram regadas a farta comida, bebida alcoólica destilada e muita música “de homem branco” ⁶.

Sáez também relata que a bebida mais embriagante presente entre os Jaminawa é o álcool de 97 graus que é comumente usado domesticamente. Quando fiz o meu campo em Assis Brasil, tive a resposta de quê o álcool 97 tem preço mais elevado que a cachaça. O álcool rende mais que a cachaça, pois, além de ser mais caro, seu teor entorpecente é muito mais alto, e que

por algumas vezes é misturado com água para outras pessoas poderem beber e render, fazendo com quê a festa se prolongue por mais tempo, se a bebida acabar, a festa termina (Calavia Sáez 2006: 124).

A idéia que B. B. Jaminawa (2012) apresenta sobre o uso da *caicuma* contempla a forte presença do álcool:

Antigamente nós fazia muito o uso da nossa bebida mesmo né, a mapixi (*caicuma*) e a ayahuasca, na aldeia ainda tem, os mais velhos faz, mas na cidade né, tem a bebida álcool que é só comprar, as mulher tem preguiça né de fazer também. (Entrevista com B. B. Jaminawa em 15/01/2012)

O preparo da *caicuma* é dado como prática antiga em decadência, por causa da preguiça das mulheres para preparar a bebida e dos homens na hora de abrir os grandes roçados⁷. C. C. Jaminawa (2012) completa: “A gente não costuma usar a *caicuma* não, nem a ayahuasca, as nossa mulher não faz, e a bebida, já, é só comprar, por isso assim, eu acho”. Vê-se que a produção de *caicuma* e ayahuasca ainda é presente entre os Jaminawa na aldeia, mas na cidade essa tradição se perde, o costume muda quando este se apresenta em um espaço totalmente diferente do seu de origem: as circunstâncias e viabilidades que o espaço urbano. Na cidade as possibilidades de se fazer uso de bebida alcoólica são imensas, e a funcionalidade das bebidas ditas tradicionais não é tão “requisitada”. “[...] A cidade constitui um atrativo para quem mora na aldeia, que decorre do processo de interação cultural com a incorporação de objetos, conhecimentos e signos do exterior” afirma Gordon ao tratar dos Xikrin – Mebêngôkre (Gordon 2006: 224 *apud* Castela 2011: 8-9).

Segundo D. D. Manchineri (2012), os bares e praças são ótimos lugares para se encontrar um Jaminawa bebendo, ou apenas “admirando” o ambiente. Os indígenas parecem não se importar com os locais em que bebem, muito menos, com quem os vê fazendo uso de bebida alcoólica, tal pressuposto pode ser mais bem entendido com a afirmação de A. A. Jaminawa (2012): “Aqui o lugar é quase em todo canto, tanto Bolívia, Peru, ou aqui no Brasil, o amigo se encontra e decide aonde”. Mas o uso de bebida alcoólica também é feito na aldeia, como diz o senhor B. B. Jaminawa (2012): “A gente toma na aldeia e nos bar mesmo”. Segundo os discursos parece que o lugar não conta, pode ser aldeia, bar, qualquer país, qualquer lugar, mas sempre o álcool está relacionado à cidade, espaço urbano moderno.

Para entender melhor como pode ser a situação dos usos da bebida na aldeia, C. C. Jaminawa (2012) afirma que: “Em todo canto, a gente leva

pra casa, no bar, na aldeia também tem, mais aí na aldeia acaba e não tem mais, aqui na rua a gente pode comprar direto né". O que ele quis dizer é quê, na aldeia não se tem como vender bebida, além do uso na aldeia, as vantagens que a cidade pode oferecer no que tange a quantidade, variedade e principalmente a facilidade da aquisição, faz desse espaço um grande atrativo. C. C. Jaminawa conta também que aqueles que possuem salário, ao receber, compram bebida e levam para a aldeia.

O senhor E. E. Jaminawa (2012) diz que na aldeia não se faz uso de bebida e que na sua cultura isso não existe: "A nossa cultura não tem isso não, na aldeia não tem isso, a nossa é *caicuma*". E. E. Jaminawa contradisse tudo o que A. A., B. B., C. C. e D. D. afirmaram. Ele tenta preservar sua identidade, a sua cultura, ou mesmo criar uma identidade e uma cultura Jaminawa? Mas de qual identidade e cultura estaríamos falando, a que não tem a bebida alcoólica como elemento ou símbolo e que a cultura em si não é mutável, ou a de que o uso da bebida é feito, mas que por ele próprio deva ser proibida?

A bebida alcoólica para os indígenas é proibida. D. D. Manchineri (2012) comenta que: "Em 2004 a 2006 era liberado o uso, desde 2007 está proibido. No estatuto do índio é proibido. Até 2007 o indígena era tutelado". A Lei 6001 de 19 de dezembro de 1973 que regula a situação jurídica dos índios, e a lei que proíbe a venda de bebidas alcoólicas para os indígenas, é para D. D. Manchineri sem aplicabilidade. Ele coloca que: "os indígenas Jaminawa tanto faz, bebem tanto coletivamente como individualmente, bebem até cair", diferentemente do uso da *caicuma* que é até acabar ou simplesmente não querer mais. Os efeitos que a bebida alcoólica pode causar em uma pessoa são substancialmente diferentes do que os efeitos da *caicuma* no que tange a aspectos físicos e mentais, quando se fala em diversão e socialização pode ser parecido, pois a bebida alcoólica não substitui a *caicuma* nos rituais, cerimônias importantes, a não ser que esteja na cidade ou "na rua", mais uma vez vemos que vemos que a bebida alcoólica destilada está ligada a cidade (Entrevista com F. F. Jaminawa em 18/04/2012). Tratando-se de bebida alcoólica destilada e ayahuasca, a relação entre uma e outra substância é objeto de muita atenção por parte dos Jaminawa. As críticas ao uso de álcool costumam se acompanhar de elogios a ayahuasca; o álcool mata e a ayahuasca cura, ensina e o álcool embrutece. Nos presentes discursos, a ayahuasca é algo medicinal e a bebida alcoólica destilada é um elemento com função elo ativa e passageiro.

D. D. ainda reforça na questão da representatividade da bebida e sobre o uso:

Na verdade né, quando você bebe é mais para ficar confortável, mas não conforta nada, só leva à lugares obscuros. Se a pessoa passou pelo menos uma semana bebendo, ela automaticamente vai ficar dependente, vai perder os sentidos. (Entrevista com D. D. Manchineri em 14/01/2012)

Na afirmativa de D. D. é possível observar a caracterização do alcoolismo; dependência, perda de sentidos psíquicos, perda da noção de espaço, tempo. Isso não caracteriza que aqueles que fazem uso de bebida alcoólica destilada sejam automaticamente “classificados” como alcoólatras, mas os que fazem uso sistemático, ou seja, todos os dias, por vários dias, na fala de D. D. pode ser alguém já dependente.

Na grande maioria dos povos indígenas, não se possui o hábito de parar uma festa, um ritual, ou uma cerimônia por questões de tempo e sim pela funcionalidade da prática em si, as festas para os Jaminawa termina quando acaba a bebida alcoólica destilada. A respeito do uso de bebida alcoólica destilada, o uso por vários dias pode estar relacionado com os efeitos que esta traz independentemente de seu consumidor ser indígena ou não, e a uma questão, da funcionalidade que o álcool apresenta, a virtude entorpecente (Calavia Sáez 2006: 124). Nas festividades que Sáez presenciou (Festa Escandinava e Forró Contido), a bebida alcoólica era o elo das comemorações, era sempre muito requisitada sua distribuição e ainda era feita de modo estratégico para que a festividade durasse por bastante tempo.

“Tem muito momento que o uso é complicado, igualmente o brasileiro, tem gente que usa pra curtir ela, e tem gente que usa para arranjar problema, igualmente água”, disse A. A. Jaminawa (2012) e complementa: “É uma coisa, tem momento que o cara trespassa ela e fica falando besteira para os amigos. Mas a gente usa pra curtir ela”. Vê-se que a bebida pode causar e causa os mesmos efeitos psíquicos independentemente de indígena ou não, e que o seu consumo não é em benefício de se fazer confusão, mas, por uma socialização, um divertimento. Sáez relata que durante as festas que presenciou aqueles que chegavam ao limite dos efeitos entorpecentes, falavam sempre em língua portuguesa e ainda usavam insultos e símbolos da cultura branca para ofender os próximos, além de já estarem caídos no chão, levantavam para beber mais.

Quando se trata de beber em grupo, mas nem todas as pessoas se conhecem, pode ter-se em algum momento divergências entre os consumidores, as relações de parentesco e afinidade são importantes para que não haja conflitos, embora

em alguns casos tornam-se presentes. Vejamos B. B. Jaminawa (2012): “Junto né, a gente chama os tio, os primo, amigo que conhece, porque num vamos chamar quem a gente não conhece porque vai dar briga, confusão”. Não é a bebida que causa a confusão, mas os outros, os “de fora”. Para B. B., o termo “grupo” está ligado a várias pessoas que não se conhecem, para ele bom é beber com um amigo ou primo: “A gente não bebe assim em grupo não, chama, por exemplo, tu me chama, aí a gente chama um primo nosso, vai lá e compra. Quando o dinheiro acaba aí para né”, nota-se que o dinheiro também é muito importante sobre o uso, ele é o limite e a possibilidade ao mesmo tempo, quando se tem dinheiro se pode comprar: possibilidade, quando o dinheiro acaba não se bebe mais: limite.

Para reforçar a idéia, B. B. prossegue: “Rapaz, quando eu bebia né e também quando, porque como eu já bebi, eu sei como é, é mais diferente, o Jaminawa tem hora que quer brigar, mas também ele para quando não tem mais dinheiro”. Novamente vemos que o dinheiro possui grande funcionalidade quanto à aquisição da bebida.

Referente ao que a bebida pode representar para B. B. ele diz: “Eu achava bom, mas eu sei que no geral né, pra todo Jaminawa do nosso povo, é ruim, trás problemas né, os parente briga, tem parente que mata, é assim”. No discurso anterior B. B. diz que é bom beber com os parentes, aqui ele diz que depois causa brigas, suponho que seja pelo uso da bebida que cada um faz individualmente embora estejam em grupo e pelos efeitos entorpecentes que ela causa.

Voltando à questão da representação que a bebida alcoólica destilada possui, C. C. Jaminawa (2012) destaca que:

É bom né, porque a gente fica com os parente, reunido. Ruim é se da briga né quando tem alguém que arranja problema, não tem como o parente beber só, isso não existe, só se ele tiver com dor de chifre né (risos). Tu viu lá né, aquilo tudo era parente nosso, pra se divertir. (Entrevista com C. C. Jaminawa em 16/01/2012)

E. E. Jaminawa (2012) reforça: “É ruim né, porque faz mal né, às vezes faz mal pros parente no geral né”. Vimos, portanto, que a bebida alcoólica pode funcionar como um elo de união e coletividade, porém, quando não se faz o bom uso, ela se torna o motivo das desavenças, brigas e conflitos.

Considerações finais

Os detalhes aqui expostos a partir dos discursos orais Jaminawa e o diálogo feito com a produção de Oscar Calavia Sáez foram fundamentais para vermos que o “bem exótico” é inseparável da conduta exótica dos Jaminawa. As festas que Sáez participou foram situações em que os Jaminawa mostraram sua capacidade de agir como “brancos” (Calavia Sáez 2006: 131). A bebida alcoólica, à qual os outros símbolos brancos não fazem a mínima notoriedade: música, os reprodutores de músicas, língua portuguesa, as comidas, os insultos nos momentos de divergência; a bebida alcoólica destilada ocupa o centro da festa, pelo menos em primeira acepção, mas para isso ajudam outras circunstâncias.

A “preguiça” das mulheres ao terem que produzir as bebidas tradicionais, acarreta a uma preguiça dos homens ao terem que sair para caçar ou abrir um roçado, a bebida fermentada é o correlato da caça ou a abertura de um roçado, o impulsor digamos assim. As mulheres deixaram de oferecer essa contrapartida, com uma preguiça que harmoniza com a decadênciia do *ethos* do caçador ou trabalhador. As bebidas alcoólicas destiladas tomam o lugar da *caicuma* de mandioca ou a bebida de milho conhecida por mama, e ambos os sexos fazem seu consumo, já que a bebida alcoólica destilada é só comprar (Calavia Sáez 2006: 132).

É o exotismo, e não a embriaguez, o ponto central das festas, dos rituais (quando existem), das comemorações ou momentos de pura diversão e socialização. Essa é a maior representatividade que a bebida alcoólica destilada possui, bem exótico que promove socialização, diversão e estabelecimento de funções para ambos os sexos.

Não é tão óbvio que foram os exploradores de caucho e borracha que tornaram o uso das bebidas alcoólicas destiladas tão presente entre os indígenas, em particular os Jaminawa, a pouca documentação existente acerca dos Jaminawa não permite uma comprovação de tal afirmativa. Mas é claro que, antes da chegada do homem branco não havia álcool 97, cerveja e cachaça entre eles, assim como não havia também a *caicuma* que foi tomada emprestada dos Manchineri. As diferenças existentes entre os grupos formadores dos que se constituem hoje como Jaminawa, contribuíram bastante para os diversos usos e representações da bebida entre eles, foram longos processos de convivência para que se tivesse uma “homogeneidade”

destes; os modos de beber, os lugares, a facilidade que é comprar a bebida, os sujeitos que estão presentes na hora da apreciação das bebidas destiladas, e para isso os brancos tiveram participação, porque foram eles que lhes apresentaram o álcool destilado.

Dentro de todo este processo a bebida alcoólica destilada ocupa lugar de destaque, o que acabo de conceituar como “elo formador, ou elo constituinte”. O “ponto fraco” entre os Jaminawa não é a discórdia, mas a dissolução dos laços, por ser um grupo constituído a partir de quatro grupos étnico-linguísticos diferentes, as relações de parentesco oscilam, e para isso o chefe do povo possui fundamental função, a de unir aqueles que por eventualidade ficaram intrigados, se isso não acontecer o seminomadismo fica evidente, saem de casa, vão para aldeia ou para a cidade, dependendo de onde estiverem.

Essa tomada de bens estrangeiros agregada às funções dos sexos nos ilustra a defasagem que existe entre o cotidiano e a geometria sociológica Jaminawa e vaga adscrição de cada indivíduo às suas funções: a caça e as bebedeiras, a festa e as brigas que culminam são o momento em que cada um deve ocupar ou, melhor, definir um lugar. É no momento das divergências que se sabe qual a função e papel do homem Jaminawa, assim como da mulher Jaminawa.

Notas

- 1 A fermentação alcoólica é o processo químico de sacarificação dos amidos, contidos em qualquer líquido, em álcool etílico ou etanol. Esta transformação é desencadeada pela ação de enzimas segregadas por microrganismos, bactérias ou leveduras, que convertem os açúcares em álcool etílico. Deste processo de formação, obtém-se, então, as bebidas fermentadas. Por exemplo: o sumo de mandioca, contendo açúcares e não contendo nenhum álcool, ao sofrer a fermentação alcoólica, perde quase todo o açúcar, o qual se transforma em várias substâncias, entre as quais álcool etílico, dando origem a *caicuma* de mandioca. O outro processo conhecido como destilação, consiste na transformação de líquidos de fraco teor alcoólico em líquidos de graduação alcoólica mais elevada em alambiques. Este processo é possível graças à diferença de volatilidade existente entre as substâncias constituintes da mistura fermentada. Assim, provoca-se o aquecimento da massa líquida até se atingir o ponto de ebulição, condensando-se seguidamente o vapor obtido. Como as substâncias têm diferentes pontos de ebulição, os primeiros vapores são sempre produzidos pelos elementos mais voláteis (como é o caso do álcool), que se desprendem da massa líquida original. Produz-se, então um

líquido composto na sua maior parte por etanol, apresentando, por isso, um teor alcoólico maior do que o da mistura que lhe deu origem. Deste modo, recorrendo-se a destilações sucessivas, obtém-se um líquido cada vez mais rico em álcool e, por conseguinte, uma bebida alcoólica de maior graduação do que a que lhe deu origem.

- 2 Para o presente artigo, tomo como grupo de referência para estudo a comunidade Jaminawa da Terra Indígena Cabeceiras do Rio Acre e Terra Indígena Mamoadate que se fez presente no município de Assis Brasil durante a pesquisa de campo que realizei durante os dias 13, 14, 15, 16, 17 de janeiro de 2012. É importante salientar que as pessoas no qual concederam entrevista foram escolhidas aleatoriamente.
- 3 Aqui bebida alcoólica engloba as bebidas destiladas: álcool 97, cerveja, cachaça.
- 4 “O termo yaminawa fez-se necessário a partir das necessidades de classificação por parte dos órgãos indigenistas e de direitos territoriais que haviam sido recentemente reconhecidos” (Calavia Sáez 2006: 29).
- 5 Estudos remontam que os primeiros contatos entre os Jaminawa e o homem branco, ocorrerem entre os anos de 1940 e 1950. Em 1968 vão trabalhar para Canísio Brasil, do seringal Petrópolis, às margens do rio Iaco 120 Jaminawa segundo o sertanista Meirelles (Castello Branco 1947: 596 *apud* Calavia Sáez 2006: 179). Foram sete anos de “escravização”, “encontravam-se em franca decadência: carecem de chefe e tem um pajé velho e inativo. Alcoolizados, trabalham de graça para Canízio Brasil, e as mulheres se prostituem em troca de bebida. Estão abandonando o uso de sua língua. Outros de São Lourenço – não se viam isentos de mazelas. Se as memórias de Petrópolis falam em escravidão, as do Acre falam em distribuição de álcool, estupro e esbulho de recursos naturais, de que o pequeno grupo mal podia se defender” (Calavia Sáez 2006: 179).
- 6 “A comida foi distribuída fundamentalmente pela esposa do chefe, auxiliada em alguns casos pelos seus filhos, ou mediada por parentes próximos: digamos que a comida nunca é distribuída “longe” – é oferecida aos próximos, e extrapola essa limitação só por intermediários. A bebida, pelo contrário, anda sozinha e constitui o verdadeiro elo da festa” (Calavia Sáez 2006: 124).
- 7 O uso da caiçuma feita de mandioca foi tomado dos Manchineri. Os Jaminawa embriagavam-se com uma bebida traduzida por chicha, feita de milho (Calavia Sáez 2006: 59).

Referências

- CALAVIA SÁEZ, OSCAR. 2006. *O nome e o tempo dos Yaminawa: etnografia e história dos Yaminawa do rio Acre.* São Paulo: Editora Unesp.
- CASTELA, E. F. 2011. Tudo é macaco, mas cada um deles funciona diferente: as contradições da política de extensão indígena — o caso Jaminawa — AC. 2011. 234f. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- CASTELLO BRANCO, JOSÉ MOREIRA. 1974. “Caminhos do Acre”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, apud Oscar Calavia Sáez. 2006. *O nome e o tempo dos Yaminawa: etnografia e história dos Yaminawa do rio Acre.* São Paulo: Editora Unesp.
- GORDON, CESAR. 2011. *Economia Selvagem: Ritual e Mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre.* São Paulo: Unesp, ISA; Rio de Janeiro: Nuti. apud E. F. Castela. 2011. Tudo é macaco, mas cada um deles funciona diferente: as contradições da política de extensão indígena — o caso Jaminawa — AC. 2011. 234f. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- TOWNSLEY, GRAHAM. 1988. Ideas of order and patterns of change in Yaminahua society. Ph. D. Thesis, University of Cambridge, apud Oscar Calavia Sáez. 2006. *O nome e o tempo dos Yaminawa: etnografia e história dos Yaminawa do rio Acre.* São Paulo: Editora Unesp.
- TUNUMÃ, JOSÉ CORREIA DA SILVA. 2006. Jaminawa do Caeté: um povo tradicional em busca em busca de terra e saúde para sobreviver no Acre. Rio Branco, 5 de fevereiro de 2006. *Jornal Página 20.* Entrevista concedida a Txai Terri Valle de Aquino e Marcelo Piedrafita Iglesias.

Fecha de recepción: 10/11/2012

Fecha de aceptación: 10/10/2013